

A literatura infanto-juvenil sob a perspectiva da psicologia

Children's and youth Literature under the perspective of Psychology

Vanessa Just Blanco¹

William Pohlmann Maria da Silva²

Miriam Sobieszczanski³

Resumo: A presente revisão de literatura, que aborda as relações entre psicologia e Literatura Infantil, visa a esclarecer a agregação de valores socioculturais, a elaboração de ideais críticos, o desenvolvimento cognitivo, a relevância do estímulo à leitura e, principalmente, a influência das histórias sobre o psicológico dos infantes. Mediante a análise de alguns estudos, constatamos que há uma forte probabilidade de a Literatura Infantil influir na formação da subjetividade da criança. Porém, ressaltamos a necessidade de mais estudos de caráter interventivo a longo prazo.

Palavras-chave: Literatura; Psicologia; Ensino.

Abstract: The present review of literature, addresses the relationship between psychology and Children's Literature. It aims to clarify the aggregation of sociocultural values, the formulation of critical ideal, cognitive development, relevance of the stimulus to reading and, especially, the influence of stories on the psychological of infants. Through the analysis of some studies, we also noticed that there is a strong likelihood of Children's Literature influence the formation of subjectivity of the child. However, we emphasize the need of more studies of interventional character on long term.

Keywords: Literature; Psychology; Education.

1. Introdução

A arte literária, como representação humana pregressa e contemporânea, abarca contextos históricos, psicológicos, sociais e culturais, os quais se fazem importantes na construção do homem como o concebemos atualmente. Em verdade, é por meio do uso da

¹ Especialização em andamento em Psicologia em Nutrição, Instituto de Pesquisas, Ensino e Gestão em Saúde.

² Graduação em andamento em Psicologia na Universidade Luterana do Brasil (ULBRA).

³ Mestrado em Linguística e Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professora da Faculdade de Tecnologia IPUC, FATIPUC.

linguagem escrita que essas marcas “construtoras dos seres” estão acessíveis a nós, no século XXI, por meio de livros – sejam eles materiais ou virtuais. De acordo com Eduardo Prado Coelho, linguagem é, por si, uma relação com o mundo, com o inconsciente e a história (*apud* COELHO, 2000, p.63).

Tendo em vista que a formação da personalidade se inicia na infância, buscamos uma análise da literatura infantil, a qual, segundo Vicente Ataíde (1995), desempenha um papel importante no sentido de desalienar a criança. Esse fato ocorre por permitir o desenvolvimento psíquico do infante; promover a reflexão e consequente formulação de pensamentos críticos; envolver a incorporação de parâmetros culturais e sociais; conhecer aspectos históricos. A respeito do tema, Bettelheim (1980, p. 12) destaca que “quando as crianças são novas, é a literatura que canaliza melhor esse tipo de informação”.

As histórias de ficção, e muito especialmente as narrativas que vêm do folclore, os mitos, as lendas, os contos de fadas, apresentam-se como a maneira mais significativa de a humanidade expressar aquelas experiências que não encontram condições de se explicar no esquema lógico-formal da narrativa intencionalmente objetiva (VIEIRA, 2005, p.10).

Tal ponto também é tratado por Katia Canton (*apud* BRITO, 2010) – especialista em contos de fadas da Universidade de Nova York – que acredita ser a fantasia um mecanismo inventado pelo homem com o objetivo de auxiliar na superação de experiências consternadoras.

Partindo da premissa de que a Literatura Infantil é capaz de abranger vastas informações a respeito da personificação da criança, buscamos compilar artigos, teses, dissertações e bibliografias que esclareçam tópicos como a influência das histórias sobre o psicológico dos infantes, a incorporação de valores socioculturais, a formulação de ideais críticos, o desenvolvimento cognitivo e a importância do incentivo à leitura.

2. Do desenvolvimento Infantil

Freud dividiu a estrutura da personalidade em Id, Ego e Superego. O Id “é considerado a reserva inconsciente dos desejos e impulsos de origem genética, voltados para a preservação e propagação da vida [...]” (LIMA, A., 2010, p. 281). O Ego “é regido pelo princípio da realidade, que é o fator que se incumbe do ajustamento ao ambiente e da solução dos conflitos entre o organismo e a realidade.” (LIMA, A., 2010, p. 281). O Superego “estabelece a

censura dos impulsos que a sociedade e a cultura proíbem ao Id, impedindo o indivíduo de satisfazer plenamente seus instintos e desejos.” (LIMA, A., 2010, p. 281).

Piaget propõe uma teoria interacionista, na qual o conhecimento não é inato. Podemos citar a dialogia entre o livro (objeto) e a criança (sujeito), proporcionando a consolidação de um novo saber. É possível complementar a ideia de “Desenvolvimento Proximal” de Vygotsky, partindo do princípio de que o livro também pode ser um mediador entre os sujeitos e a aquisição de novos conhecimentos.

Para nosso estudo, optamos por usar as fases de desenvolvimento da criança segundo Piaget, visto que é o mais citado no âmbito educacional. Ressaltamos apenas a partir dos 4/5 a 7/8 anos, momento em que a criança inicia sua alfabetização, conforme Lima (1984, p. 106-111):

De 4/5 a 7/8 anos, processa-se na criança a fase intuitiva, em que ela experimenta manipular a realidade através do sistema simbólico, ligando à ação a representação.

De 7/8 a 11/12 anos, período que, tradicionalmente, corresponde ao da escola primária, o desenvolvimento atinge a fase de operacionalidade (concreta), em que se realiza a síntese da ação motora e a atividade representada. [...] ações virtuais de reversibilidade, associatividade etc.

De 11/12 anos em diante (adolescência), [...] inicia-se a fase “metafísica” (Piaget) do desenvolvimento mental pela utilização da linguagem (signos socializados), como instrumento de pensamento e guia de ação. Uso da linguagem [...], estritamente, logicizante. [...] Período das ações abstratas.

Em relação à influência da literatura sobre o desenvolvimento do infante, Bier (2004, p. 69) sustenta que

a interação da criança com a literatura se apresenta como uma ponte que a auxilia, no seu desenvolvimento cognitivo para estimular todas as potencialidades latentes em seu ser; despertar valores espirituais que estão à espera de impulso; desencadear o sonho, a fantasia, a imaginação e o gosto artístico; levar a criança gradativamente do reino da fantasia para o dos valores concretos que a rodeiam; desenvolver a capacidade expressiva e contribuir para a formação da consciência linguística.

3. Da origem da Literatura Infantil

Os contos, em sua essência, não eram destinados ao universo das crianças, uma vez que as histórias eram recheadas de cenas de adultério, canibalismo, incesto, mortes hediondas e outros componentes do imaginário dos adultos (SCHNEIDER *et. al.*, 2009, p. 134). A literatura infantil desenvolveu-se, em verdade, a partir dos quatro últimos séculos, momento em que a infância passou a ser considerada uma fase importante no desenvolvimento dos indivíduos. Por isso, a elaboração de livros voltados para esse público se intensificou.

Algumas narrativas, até então destinadas aos adultos, começaram a integrar o mundo infantil, como os contos de fadas, os mitos, as fábulas e as histórias bíblicas. Nascimento (2011, p. 16426) refere:

A Literatura Infantil talvez seja o gênero que mais guarde proximidade das narrativas orais que tanto encantaram os homens. Grande parte da narrativa infantil manifesta ainda a autoridade do contador que efetivamente possui experiência comunicável e a clareza que dela decorre, por isso a literatura infantil é capaz de manter acesa a tradição milenar de contar histórias, nas quais o mito, a lenda, os contos de fadas permanecem vivos tal qual estavam nas narrativas orais dos contadores ancestrais.

Corso (2006), ao citar Bettelheim, alega que este seguia um enfoque darwiniano, pois relatava que as crianças escolhiam os livros com mensagens que se assemelhavam mais a um momento específico vivenciado por elas. Devido a isso, muitos dos livros infanto-juvenis que permanecem interessando nossas crianças teriam “sobrevivido” devido ao seu caráter adaptável à contemporaneidade.

Os objetivos das histórias infantis atualmente não são mais os mesmos que há séculos. Partindo desse princípio, Coelho (2000) faz um paralelo entre o tradicional e o novo na Literatura Infantil, apontando diferenças (ANEXO I).

4. Das Particularidades das Histórias Infantis

4.1 Ritos de Passagem

Em vida, passamos por diferentes estágios, como biológicos, sociais, econômicos, educacionais, entre outros. Para cada momento, as pessoas enfrentam os ritos de passagem, os quais são temas integrantes das histórias infantis, por exemplo, o nascimento de *Aurora* em *A Bela Adormecida*, o casamento da *Cinderela*, a morte da *Vendedora de Fósforos*, a transição de classe social e econômica de *Aladin*, a aquisição de uma ocupação em *A Guardadora de Gansos*.

Hohlfeldt (2006) analisa o livro *História sem fim* de Arnold Van Gennep, ressaltando a presença de ritos de passagem. A respeito do mesmo tema, Bettelheim (1980) e Coelho (2005) defendem a importância da abordagem desses ritos nas histórias infantis, por auxiliarem na preparação das crianças para momentos marcantes de suas vidas.

4.2 A Linguagem Mágica

O primeiro e mais primitivo grau de desenvolvimento da consciência é, segundo Gebser, o mágico, no qual a consciência tenta se libertar da participação com a natureza circundante, pelo princípio do poder (DIECKMAN, 1986, p. 92). Para a criança, o mundo das histórias infantis pode ser real, tanto quanto os seus brinquedos o são para ela. “Freud assim resume: ‘Lembremo-nos de que, nos primeiros folguedos, de modo algum as crianças distinguem nitidamente objetos vivos de objetos inanimados, e gostam particularmente de tratar suas bonecas como pessoas vivas.’” (TEIXEIRA, 1998, p. 33).

Como Piaget mostrou, o pensamento da criança permanece animista até a idade da puberdade (BETTELHEIM, 1980, p.60). Nessa fase, conforme Bettelheim (1980), por mais que os professores e os pais digam que objetos inanimados jamais terão vida própria, ela não assimila essa informação. E, por isso, é tão mais fácil dialogar com a criança por meio da linguagem mágica.

O *Era uma vez...* cumpre o propósito de deslocar a criança para outro mundo, como uma nova dimensão, na qual outras possibilidades são realçadas. Abramovich (1995 *apud* MESQUISTA *et. al.*, 2010, p. 3) acredita que “a fórmula ‘era uma vez’, não só ajuda um conto fantástico a atingir credibilidade, como salienta a universalidade dos temas presentes; os conflitos não são locais, mas de todos os tempos e para todos os lugares”. A mesma autora, referindo-se à expressão felizes para sempre, diz que “se as personagens centrais vivem ‘felizes para sempre’, é porque se desenvolveram como seres humanos, porque merecem a felicidade que recebem” (*apud* MESQUISTA *et. al.*, 2010, p. 3).

4.3 Personagens

Muitos são os autores que retrataram o personagem e algumas ideias narradas nas histórias infanto-juvenis como frutos de um arquétipo. “Um arquétipo é uma forma de pensamento ou de comportamento, um símbolo das experiências humanas básicas, que são as mesmas para qualquer indivíduo, em qualquer época e qualquer lugar.” (JUNG, 1984 *apud* MENDES, 2000, p. 35)

Para Mendes (2000), “o nascimento, a maternidade, o casamento, a morte, o renascimento, o poder, a magia e as respectivas figuras da criança, da mãe, do herói, dos

deuses e demônios, estão presentes nos arquétipos do inconsciente coletivo.” (MATTAR, 2007, p. 26). Segundo Franz (1991, p. 16), “o herói e a heroínas não são indivíduos humanos mas figuras arquetípicas”. Para Lisete Oliveira *et. al.* (2013, p. 5), na fábula, por exemplo, os “personagens são simbólicos em um contexto universal, são dadas a eles características humanas: o leão, símbolo da força; a raposa, símbolo da astúcia; o cordeiro, ingenuidade”. Abramovich (1989, p. 36) destaca que

Invariavelmente, a bruxa, o gigante e outras personagens são extremamente feias, ou até monstruosas, grotescas ou deformadas, fazendo com que o afastamento físico, repulsa instintiva, a reação de pele sejam o detonador do temor e do medo, e não a ameaça emocional do que eles representam – de fato – para a criança... Afinal, a bruxa não é mostrada como um ser misterioso, enigmático, que conhece e domina outros saberes, que pode até ser muito sedutora e atraente (e por isso perigosa e ameaçadora).

Mariosa *et. al.* (2011) nos leva a refletir sobre os estereótipos trazidos nas histórias infanto-juvenis: mulheres brancas e lindíssimas, magras e loiras, sendo que raramente uma personagem é negra. O mesmo acontece com o personagem masculino. “O preto? Ora, somente ocupa funções de serviçal (setor doméstico industrial, e aí pode ter um uniforme profissional que o defina enquanto tal e que o limite nessa atividade, seja mordomo ou operário...)” (ABRAMOVICH, 1989, p. 36).

Os personagens, normalmente, são citados como *fada madrinha, madrasta, bruxa, lobo mau, gigante, cegonha, raposa, cigarra, formiga, negrinho do pastoreio*, entre outros. No que tange ao aspecto psíquico da criança, Bettelheim (1980) traz uma percepção intrigante: a de que a criança cria laços com os personagens, ou seja, identifica-se com eles justamente pelo fato de que os personagens, em sua maioria, não possuem nomes.

5. Influências das obras literárias infantis

Sem dúvida, a Literatura Infantil vem ao longo dos anos proporcionando experimentações positivas e negativas à criança. O que se quer saber é até que ponto isso pode influenciar na construção de sua personalidade. Para Barbosa (1993, p. 23), “a literatura nunca é apenas literatura; o que lemos como literatura é sempre mais – é História, Psicologia, Sociologia. Há sempre mais que literatura na literatura”.

A fantasia, integrante das narrativas infantis, é vista como um benefício à criança, mas desde que, ao final da leitura de seu livro, ela volte de sua viagem ao mundo imaginário para

o real. “[...] a leitura, ela mesma nos transforma, nos muda, nos atinge. Após a leitura de um grande livro, não podemos imaginar sermos ainda quem éramos.” (FREIRE, 2008, pg. 6).

Para Bettelheim (1980), os contos de fadas, por exemplo, são ainda os que têm maior capacidade de desenvolver a personalidade da criança. Os conflitos e dilemas propostos à criança, principalmente nesse tipo de narrativa, preparam-na para lidar ou encontrar soluções quando experiências desse tipo forem vivenciadas no mundo real. O abandono e o isolamento social, temas referenciados nesses contos, mostram à criança que ela não é a única a passar por tais situações, podendo vencê-las. “Os contos de fadas declaram que uma vida compensadora e boa está ao alcance da pessoa apesar da adversidade – mas apenas se ela não se intimidar com as lutas do destino, sem as quais nunca se adquire verdadeiramente identidade.” (BETTELHEIM, 1980, p. 32).

Ainda sobre essas narrativas, Mesquita (2010, pg. 2) reitera que “através da fantasia, sobre a qual se assentam os contos de fadas, a criança entra em contato com valores perenes e transitórios, bem como aprende noções de bom ou mau, certo ou errado”. Conforme Gomes (2004 *apud* ZAMBON, 2009, pg. 5), “os contos infantis são responsáveis pela formação de uma hierarquia de valores, de um universo de referências que contribui para moldar comportamentos e influenciar mentalidades”.

Coelho (2005) declara que há uma autoconscientização do leitor sobre o outro ao entrar em contato com o livro, criando vínculos e permitindo a solidariedade. O mais interessante da literatura é a possibilidade de entrar em contato com padrões e valores de outras sociedades ou épocas distintas. Nascimento (2011, p. 25), ao abordar a influência dos contos de fadas sobre o aspecto social, afirma que “isso é indispensável na formação da personalidade, do caráter e da educação”. Schneider (2009, p. 7) destaca dois autores que discutem sobre o assunto.

“Hillesheim (2006) aponta que os contos desenham configurações de infância, preceituando falas nas quais culpa, irracionalidade, inocência operam sobre o disciplinamento e o controle dos corpos infantis. Concomitantemente, por operarem como um dispositivo artístico, possibilitam ruptura, transgressão e resistência, instaurando o ‘estranhamento’. Zilberman (1998) refere que a literatura infantil contemporânea se ocupa de uma linha narrativa que retrata personagens que internalizam várias crises do mundo social. Tais modificações denotam, inclusive, uma modificação na noção de infância, configurando-se essa em uma imagem de criança crítica da contemporaneidade.”

Em relação ao aspecto emocional, Cashdan (2000) esclarece que os impactos exercidos pelos contos de fadas sobre os adultos são oriundos da importância dessas

narrativas na infância. Conforme Corso (2006), “o que fica de um conto para criança é o que ele fez reverberar na sua subjetividade”. O mesmo autor ainda relata que é possível observar nas crianças a apropriação dessas histórias com vistas à resolução de dramas íntimos ou identificação com um momento presente.

Nas histórias bíblicas, apesar da similaridade com os contos de fadas, no que tange a viabilizar um ambiente desafiador para que ela evolua moralmente, apresenta-se uma figura maior: Deus, buscando desenvolver na criança a fé, a sensação de proteção e de não estar sozinha.

Já em relação aos mitos, que buscam tratar de representações dos conflitos humanos – Sissa (1996 *apud* VERSIANI, 2008, p. 36) e Monfardini (2005, p. 51) – diferentemente dos contos (em que o personagem é comum) e das histórias bíblicas (em que o personagem Deus se encontra por trás de todos os feitos narrativos) enxergam o personagem como um indivíduo específico. Por isso, nos contos, contrariamente aos mitos, encontramos um personagem passível de causar maior identificação com a criança, pois qualquer um pode ser o protagonista.

Segundo Bettelheim (1980), os mitos não são úteis na formação da personalidade, por estarem esses personagens muito distantes da realidade da criança, praticamente inalcançáveis. “Os mitos projetam uma personalidade ideal agindo na base das exigências do superego, enquanto os contos de fadas descrevem uma integração do ego que permite uma satisfação apropriada dos desejos do id.” (BETTELHEIM, 1980, p.52).

Há, também, outros aspectos como o pessimismo e a tragédia, comuns para os finais de livros infantis do gênero mito, que são contrários ao exposto nos finais dos contos de fadas. Radino (2003) explica que o fato de os finais felizes, presentes nos contos, serem considerados irreais para os adultos os leva a acreditar que esses poderiam ser nocivos à criança. Em oposição, a autora considera que esse desfecho positivo propicia a superação de conflitos e o desenvolvimento maturacional do infante, por não perceber a história de forma objetiva, mas sim subjetivamente.

A linguagem utilizada nas narrativas infantis lida com as questões humanas e sociais de forma subentendida, permitindo uma diferenciação entre o real e o imaginário, bem como uma apropriação de valores culturais. “Ao ler uma história, a criança também desenvolve todo um potencial crítico. A partir daí ela pode pensar, duvidar, se perguntar, questionar...” (ABRAMOVICH, 1989, p. 143).

Há muitos anos, à literatura infantil cabia apontar padrões sociais aos seus leitores. Porém, atualmente, os livros, como os de Lygia Bojunga, refletem sobre temas relativos à formação social, como o espaço da mulher e dos índios na sociedade, os direitos humanos, o consumismo, a violência. Ou seja, muito além de propor um modelo, essa literatura instiga a criança a desenvolver suas próprias ideologias.

A ética e os valores são trabalhados nos livros com a função de conscientizar o infante para vida em sociedade, exaltando a bondade, caridade, amor, fé, entre outros. Ubiali (2013, p. 13), por exemplo, sustenta que “por meio dos conceitos éticos que a fábula nos revela, é possível trabalhar os valores humanos muitas vezes perdidos e menosprezados pela sociedade moderna. Torna-se também possível ir além das conquistas no campo cognitivo, despertando a consciência, desenvolvendo a liberdade, organizando a psique”.

No estudo de Magro *et. al.* (2007, p. 62), foi aplicado um questionário sobre as fábulas a 30 alunos, sendo identificado que 23 alunos “na interpretação e compreensão relatada, transferem e se envolvem no contexto da fábula, transpondo a moral como aspecto reflexivo para sua vida”. Coelho (2000, p. 50), a respeito do papel da leitura na vida do infante, acrescenta que

[...] toda *leitura* que, consciente ou inconscientemente, se faça em sintonia com a essencialidade do texto lido, resultará na formação de determinada consciência de mundo no espírito do leitor; resultará na *representação* de determinada realidade ou valores que tomam corpo em sua mente. Daí se deduz o poder de fecundação e de propagação de ideias, padrões ou valores que é inerente ao fenômeno literário [...].

Em relação ao texto lido para crianças, Abramovich (1989, p.17) sustenta que

É ouvindo história que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver tudo o que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário!

6. Histórias infanto-juvenis e seu uso em terapias

“Os contos são fonte de prazer para as crianças, tanto pelo ouvir quanto pela sua representação. Prazer produz alegria, e alegria é terapêutica, afirma Caldin (2004).” (SCHNEIDER, 2009, pg. 8) Bettelheim (1980) relata que o uso dos contos de fadas na medicina hindu atua como forma de tratamento de pessoas psicologicamente afetadas, visto que as histórias permitem a externalização dos processos internos, possibilitando a meditação e a elaboração de soluções para seus conflitos.

Corso (2006) aborda a referência aos contos de fadas ou ficções infantis por pacientes adultos, os quais asseguram que as palavras mais duras que escutaram foram expressas por intermédio das histórias infantis. De acordo com Freud (1925, p. 355), “em algumas pessoas, a rememoração de seus contos de fadas favoritos ocupa o lugar das lembranças de sua própria infância; elas transformaram esses contos em lembranças encobridoras [...]”. Schneider (2009, p. 9) menciona que

Posse (2004), ao falar sobre a psicoterapia junguiana direcionada a pacientes psicossomáticos, sugere o uso dos contos de fadas, da interpretação de sonhos, de imagens e mitos, uma vez que essas reflexões podem ser um enlace com o mundo e a psique do paciente psicossomático. Esse recurso favorece o diálogo e a possibilidade de socialização dos participantes, promovendo, assim, uma melhora funcional na sua comunicação.

“O potencial terapêutico de contar histórias é hoje incontestável” (GUTFREIND, 2004, p. 25). No programa para diminuição da agressão infantil, por meio da leitura de histórias infantis, elaborado pelos pesquisadores Teglassi e Rothman (2001, *apud* RODRIGUES, 2007, p. 81), “os resultados mostraram diminuição de comportamentos antissociais e de externalização nos grupos de crianças não identificadas como agressivas e, entre aquelas identificadas que tinham completado o programa, diminuição significativa de escores quando comparados com o grupo controle”. Isso mostra o quanto as histórias podem trabalhar com valores e emoções.

7. Adequações dos livros

“Martins (1994) define de uma forma bem simples e objetiva o que é ler, mostrando que este ato não é simplesmente um aprendizado qualquer, e sim uma conquista de autonomia, que permite a ampliação dos nossos horizontes.” (*apud* BRITO, 2010, p. 3). No entanto, para que a leitura seja proveitosa para as crianças, por exemplo, é necessária a sua adequação ao contexto em que elas estão inseridas. Bettelheim (1980) acredita que, além de despertar a curiosidade, as histórias devem trabalhar o imaginário do infante para que enriqueçam sua vida.

Para melhor compreensão de quais livros são mais adequados para cada grupo etário, trazemos, brevemente, as fases de leitura de Nelly Novaes Coelho (2000): a partir dos seis-sete anos – histórias de fadas, de animais, de encantamento, de aventuras e de crianças são as mais atrativas; em torno dos oito-nove anos – atração por histórias de fadas, mais elaboradas, humorísticas e realistas, cheias de desafios e questionamentos; a partir dos dez-onze anos –

preferência por livros de aventura, fábulas, mitos e lendas; a partir dos doze-treze anos – livros de caráter reflexivo e crítico.

8. Discussões

No tópico de número 7, tratamos das abordagens mais adequadas para o público infanto-juvenil, ressaltando a importância da adequação do livro à fase de desenvolvimento cognitivo a que esse público pertence. Em relação ao contexto social em que essas crianças estão inseridas, é fundamental lembrar que, no momento da escolha do texto, deve-se buscar a proximidade entre o conteúdo da obra e a realidade vivida pelo leitor.

Os pequenos leitores gostam de livros que expressem realidades sem mascarar as verdades. Ataíde (1995, p. 11) diz que “o leitor infantil aborrece livros que buscam imbecilizá-lo, mentindo, dizendo que é tudo maravilhoso, cor-de-rosa; ou que tudo é feio, péssimo”. Ainda, resalta que é importante os autores contemporâneos desenvolverem nos leitores consciência política, social e crítica. Isso só será possível se as personagens dos livros não forem colocadas tão distantes do contexto social da criança. Uma personagem criança ou adolescente parece atender aos requisitos de proximidade com o leitor.

No entanto, histórias demasiadamente realistas, que procuram racionalizar as informações, podem afastar a criança da leitura ou não contribuir em nada para o seu desenvolvimento, por se encontrarem muito distantes da capacidade de percepção atual de mundo que ela possui. O uso de ilustrações nos livros infantis também parece oferecer pouquíssimo para o desenvolvimento da criatividade, pois não permite que a criança visualize mentalmente as personagens e os cenários. Da mesma maneira, as crianças que assistem primeiro ao filme e depois leem o livro estão sujeitas a uma inibição do processo criativo, e as que apenas assistem aos filmes estimulam de forma limitada a imaginação.

No que se refere às influências da literatura infantil, tratadas no presente artigo, diferentes autores destacam que realmente há uma interferência positiva sobre os processos de aprimoramento da linguagem, do desenvolvimento cognitivo e psicológico e dos pensamentos crítico-reflexivos dos pequenos leitores. Santos *et. al.* (2013, p. 2) atesta que “a literatura infantil constitui-se uma peça fundamental para a formação de novos leitores, além de educar, instruir e divertir, ela contribui valorosamente na construção de adultos pensantes e críticos”.

É intrigante perceber que autores como Bettelheim, em 1980, já criticavam a forma como vêm sendo elaborados os livros e cartilhas voltados ao aprendizado da leitura. O fato é que esses parecem destinados apenas à apropriação de signos linguísticos de maneira divertida, desconsiderando o conteúdo. “A aquisição de habilidades, inclusive a de ler, fica destituída de valor quando o que se aprendeu a ler não acrescenta nada de importante à nossa vida.” (BETTELHEIM, 1980, p. 12)

Apontamos que algumas obras contemporâneas têm mostrado certa tendência para excluir temas conflituosos. “As mudanças de enredo apaziguam as emoções que precisam ser vividas. Não é saudável evitar que as crianças enfrentem os conflitos assim [...]” (OLIVEIRA, 2010, p. 38).

Em certa contraposição aos estudiosos defensores da Literatura Infantil como formadora da identidade do infante, outros autores isentam a literatura de papel pedagógico. Bloom (1995, p. 24) afirma que “ler os melhores escritores – digamos Homero, Dante, Shakespeare, Tolstói – não vai nos tornar melhores cidadãos”. Essa afirmação, por sua vez, não destoa inteiramente da teoria de Bettelheim (1980), segundo a qual a criança não faz distinção entre “bom” e “mau” (em se tratando de personagens), mas se identifica com aquele que a atrai mais, independentemente de seu caráter. Ou seja, a formação do sujeito não é condicionada ao direcionamento dado pelo livro, não apresentando, portanto, função pedagógica. A saber, também a interpretação difere para cada leitor e, dependendo da apropriação das informações pelo leitor, pode haver ou não um benefício emocional, cognitivo e moralizante.

Como último tópico dessa discussão, destacamos o interesse da Literatura Infantil contemporânea em retratar quadros sociais mais realísticos e polêmicos – o racismo, a violência, o divórcio dos pais, os direitos da criança, a inclusão social – objetivando enfocar seu papel de aproximar o contexto social e o pequeno leitor, o que lhe propicia uma visão global da comunidade na qual está inserido.

9. Considerações finais

Após análise de pesquisas e bibliografias, percebemos que há uma escassez de estudos intervencionais em longo prazo, dificultando a associação das teorias com a realidade. No

entanto, no que diz respeito às leituras realizadas, podemos perceber que há uma forte probabilidade de a literatura infantil subjetivar a criança.

O incentivo à leitura dos infantes mostra-se essencial ao desenvolvimento linguístico e cognitivo, desde que tenha sido fundamentado em bases sólidas. Quanto aos apontamentos dos estudiosos em relação ao potencial de influência psicológica da Literatura Infantil, observamos que ela parece beneficiar a criança, principalmente por se valer de uma linguagem acessível, pois trabalha seus dramas íntimos, auxiliando-a no encontro de soluções para situações conflitantes.

No âmbito da aquisição de valores, os estudos são ainda controversos. Muitos afirmam que há uma apropriação de ideologias, que direcionam a criança a uma construção específica da identidade, enquanto outros apontam que isso não ocorre.

Mediante os diversos pontos de vistas expostos, salientamos a importância de mais estudos intervencionais sobre a influência da Literatura Infantil, que venham a corroborar as teorias aqui retratadas, já que os livros estão sempre presentes na vida da criança. Quanto mais comprovações científicas sobre as vantagens das obras infanto-juvenis coletarmos, mais os docentes e os pais se sentirão seguros em incentivar a leitura.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. **Literatura infantil gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione Ltda, 1989.
- ATAIDE, V. **Literatura infantil e ideologia**. Curitiba: HD Livros, 1995.
- BARBOSA, J. A. Literatura nunca é apenas literatura. In: BARBOSA, J. A.; MARINHO, J. M.; ALVES; M. L.; DURAN, M. **Série Idéias**. São Paulo: FNDE, 1993. n. 17, p. 21-26. Disponível em: <http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_17_p021-026_c.pdf>. Acesso em: 08 set. 2013.
- BETTELHEIM, B. **A Psicanálise dos contos de fadas**. Tradução Arlene Caetano. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BIER, M. L. **A criança e a recepção da literatura infantil contemporânea**: uma leitura de Ziraldo. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Tubarão, 2004. Disponível em: <http://busca.unisul.br/pdf/74054_Marilena.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2013.
- BLOOM, H. **O cânone ocidental**: os livros e a escola do tempo. Tradução Marcos Santarrita. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

BRITO, D. S. A importância da leitura na formação social do indivíduo. **REVELA** – Periódico de Divulgação Científica da FALS, São Paulo, ano IV, n.VIII, jun 2010. Disponível em: <http://www.fals.com.br/revela12/Artigo4_ed08.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2013.

CASHDAN, S. **Os 7 pecados capitais nos contos de fadas**: como os contos de fadas influenciam nossas vidas. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

COELHO, N. N. **Literatura Infantil**: teoria, análise, didática. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

_____. O conto de fadas: o imaginário infantil e a educação. **Revista Criança do Professor de Educação Infantil**, Brasília, v. 38, p. 12-14, jan. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rev_crian_38.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2013.

CORSO, D. L.; CORSO, M. **Fadas no divã**: psicanálise nas histórias infantis. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DIECKMANN, H. **Contos de fadas vividos**. São Paulo: Paulinas, 1986.

FREIRE, J. C. Literatura e psicologia: a constituição subjetiva por meio da leitura como experiência. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p. 2-9, 2008. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1809-52672008000200002&script=sci_arttext>. Acesso em: 15 ago. 2013.

FRANZ, M. L. V. **Significado psicológico dos motivos de redenção nos contos de fadas**. Tradução Álvaro Cabral. 9. ed. São Paulo: Cultrix, 1991.

FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 1925.

GUTFREIND, C. Contos e desenvolvimento psíquico. **Viver Mente & Cérebro**, São Paulo, v. 5, n. 142, p. 24-29, nov. 2004.

HOHLFELDT, A. C. **Literatura infanto-juvenil**: teoria e prática. Porto Alegre: M. Aberto, 2006.

LIMA, A. P. O modelo estrutural de Freud e o cérebro: uma proposta de integração entre a psicanálise e a neurofisiologia. **Revista de Psiquiatria Clínica**, São Paulo, v. 37, n.6, p. 280-287, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0101-60832010000600005&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 ago. 2013.

LIMA, L. O. **A construção do homem segundo Piaget**: uma teoria da educação. 3.ed. São Paulo: Summus, 1984.

MAGRO, A. N. 2007. **Família e escola**: parceiras ou rivais no processo de formação de valores? Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Oeste de Santa Catarina, Joaçaba, 2007. Disponível em: <http://www.unoesc.edu.br/sites/default/files/Alessandra_Nichele_Magro.pdf>. Acesso em: 20 ago. 2013.

MATTAR, R. R. **Os contos de fadas e suas implicações na infância**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Faculdade de Ciências, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Almeida Filho”, Bauru, 2007. Disponível em: <

<http://www.fc.unesp.br/upload/pedagogia/TCC%20Regina%20-%20Final.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2013.

MENDES, M. B. T. **Em busca dos contos perdidos**: o significado das funções femininas nos contos de Perrault. 1. ed. São Paulo: UNESP, 2000.

MESQUITA NETO, R.; BERVIQUE, J. A. A Influência dos contos de fadas na compreensão do mundo pela criança. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia**, São Paulo, ano VIII, n. 14, maio 2010. Disponível em: <http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/XTLDr4DqORRQ8v4_2013-5-13-15-4-8.pdf>. Acesso em: 02 ago. 2013.

MONFARDINI, A. O mito e a literatura. Terra roxa e outras terras - **Revista de Estudos Literários**, Londrina/PR, v. 5, p. 50-61, 2005. Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/terraroxa/g_pdf/vol5/v5_4.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2013.

NASCIMENTO, M. C. B.; LOPES, T. J. S. O imaginário infantil: a importância dos contos de fadas no desenvolvimento da criança. In: X CONGRESSO NACIONAL DA EDUCAÇÃO (EDUCERE). 2011, Curitiba. **Tópico temático...** Curitiba: PUCPR, 2011. p. 16425-16435. Disponível em: <http://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/6477_3977.pdf>. Acesso em: 01 ago. 2013.

OLIVEIRA, P. S. T. **A contribuição dos contos de fadas no processo de aprendizagem das crianças**. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia). Salvador: Universidade do Estado da Bahia, 2010. Disponível em: <<http://www.uneb.br/salvador/dedc/files/2011/05/Monografia-PATRICIA-SUELI-TELES-DE-OLIVEIRA.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2013.

RADINO, G. **Contos de fadas e a realidade psíquica**: a importância da fantasia no desenvolvimento. 2. ed. São Paulo: C. Psicólogo, 2003.

RODRIGUES, M. C. *et. al.* Literatura infantil, teoria da mente e processamento de informação social. **Psicologia Escolar e Educacional**, Campinas, v. 11, n. 1, p. 77-88, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S1413-85572007000100008&lng=en&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 18 ago. 2013.

SANTOS, C. M.; SILVA, V. M.; CHIARO, S. **O trabalho com a literatura infantil**: um estudo de caso em duas pré-escolas da rede municipal do Recife. Pernambuco, [2012]. p. 1-24. Disponível em: <http://www.ufpe.br/ce/images/Graduacao_pedagogia/pdf/2012.1/o%20trabalho%20com%20a%20literatura%20infantil.pdf>. Acesso em: 02 ago 2013.

SCHNEIDER, R. E. F.; TOROSSIAN, S. D. Contos de fadas: de sua origem à clínica contemporânea. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 15, n. 2, p. 132-148, 2009. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/psicologiaemrevista/article/viewFile/P.1678-9563.2009v15n2p132/873>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

UBIALI, E. A. G. Aprendendo e divertindo: de Esopo a Lobato, o percurso da fábula na história. **CAMINE**, São Paulo, v. 5, n. 1, 2013. Disponível em: <<http://periodicos.franca.unesp.br/index.php/caminhos/article/view/712>>. Acesso em: 15 ago. 2013.

TEIXEIRA, A. B. R. Fantasia de Boneca. In: MENGARELLI, J. K. (org.). **Dos cantos, em cantos**. Salvador: Ágalma, 1998. p. 32-40. (Coleção Psicanálise da Criança).

VERSIANI, R. **Mito e psicanálise**. 2008. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultural) – Universidade de Brasília, Brasília, 2011. Disponível em: <<http://repositorio.unb.br/handle/10482/8422>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

VIEIRA, I. M. C. O papel dos contos de fadas na construção do imaginário infantil. **Revista Criança do Professor de Educação Infantil**, Brasília, v. 38, p. 10-11, jan. 2005. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rev_crian_38.pdf>. Acesso em: 07 ago. 2013.

ZAMBON, S. A. **Reflexões sobre a construção estereotipada de heróis e heroínas das histórias infantis**. 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2009. Disponível em: <<http://www.portaldosprofessores.ufscar.br/bibliotecaDetalhe.jsp>>. Acesso em: 20 ago. 2013.

ANEXO I

Tabela 1 - Paralelo entre o Tradicional e o Novo na Literatura Infantil, segundo Coelho (2000, p. 19).

Tradicional	Novo
Espírito individualista	Espírito solidário
Obediência absoluta à Autoridade	Questionamentos da Autoridade
Sistema social fundado na valorização do ter e do parecer, acima do ser	Sistema social fundado na valorização do fazer como manifestação autêntica do ser
Moral dogmática	Moral da responsabilidade ética
Sociedade sexófoba	Sociedade sexófila
Reverência pelo passado	Redescoberta e reinvenção do passado
Concepção de vida fundada na visão transcendental da condição humana	Concepção de vida fundada na visão cósmica/ existencial/ mutante da condição humana
Racionalismo	Intuicionismo fenomenológico
Racismo	Antirracismo
A Criança: “adulto em miniatura”	A Criança: ser-em-formação (“mutantes” do novo milênio)